



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

EM TORNO DA NOVA HISTÓRIA DOS LIVROS

Bruno Guimarães Martins

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.
brunomartins@ufmg.br

Márcio Souza Gonçalves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ.
Bolsista Prociência UERJ/ FAPERJ – Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio de Janeiro.
marcio.souza.goncalves@gmail.com

Sandra Reimão

Universidade de São Paulo, USP
Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.
sandrareimao@usp.br

Em 1974, a editora Gallimard publicou três volumes, organizados por Jacques Le Goff e Pierre Nora, intitulados *Faire de l'histoire*. Ainda na década de 1970, este conjunto de livros foi traduzido e publicado no Brasil pela editora Francisco Alves. No terceiro volume *Nouveaux objets*, se apresenta um texto central para a rearticulação de uma nova história do livro. Em “O livro, uma mudança de perspectiva”, Roger Chartier e Daniel Roche destacam como o livro se constitui como um objeto de pesquisa multifacetado sendo sua história “sensível a múltiplos apelos”. É justamente tal multideterminação o que possibilita à história do livro se aproximar “da história das sociedades e das mentalidades coletivas”. Pouco mais de uma década mais tarde, partindo de uma tradição acadêmica distinta, Donald McKenzie (1986) elaborou proposta similar com o influente *Bibliography and the sociology of texts*.

Alguns pontos centrais na articulação da proposta para uma nova história do livro podem ser sintetizados da seguinte forma: 1) As análises sobre livro precisam abordá-lo como produto e bem cultural, ou seja, simultaneamente como “mercadoria produzida para o lucro” e também um “signo cultural, suporte de um sentido”; 2) Os levantamentos de dados, as séries quantitativas e os instrumentos de análise econômica podem ser ferramentas de informação e de análise de diferentes aspectos de estudos sobre livros; 3) A nova história do livro buscar compreender todos os discursos que se tornaram livros, abrangendo tudo o que lê e o que escreve e não só as chamadas grandes obras.¹

Em “O que é a história dos livros?”, Robert Darnton (1993) identificou como quadro



geral: “entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e o comportamento da humanidade”, construindo assim uma “história social e cultural da comunicação impressa”.² Para Darnton, entre as décadas de 1970 e 1990, a história dos livros se tornou “um campo de estudos rico e diversificado”; expandindo-se de tal forma que “parece mais uma exuberante floresta tropical”.³ A feliz metáfora do célebre historiador certamente foi alimentada pelas diferenças e apropriações culturais do livro em territórios periféricos, tais como o Brasil e a América Latina.

Um importante polo de junção e espaço de discussão de professores e pesquisadores brasileiros voltados para temas relativos à história do livro é o grupo de estudos sobre o tema na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação — Intercom. Os organizadores do presente dossiê “Ler amanhã: Pesquisa, textos e práticas editoriais”, assim como alguns dos autores aqui publicados, participam regularmente deste grupo.

Vejamos rapidamente sua história.

Em 1993, professores universitários e pesquisadores, liderados por Aníbal Bragança, Sandra Reimão e Luis Guilherme Pontes Tavares, ao observar seus próprios trabalhos de pesquisa acadêmica e atentos para muitos outros trabalhos apresentados em congressos e seminários, notaram a emergência da temática de Produção Editorial e decidiram propor a formação de um grupo junto à Associação Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação — *Intercom*. Em 1994 foi fundado *Grupo de Trabalho Produção Editorial, Livro e Leitura*, que em 2001 alterou-se para *Núcleo de Pesquisa*; e em 2008 assumiu a nomeação atual de *Grupo de Pesquisa Produção Editorial*. Desde a fundação o grupo se reúne ao menos uma vez por ano nos congressos nacionais da *Intercom*, e, se nos primeiros anos foram apresentados poucos trabalhos (5 em 1994; 7 em 1995), hoje, a média é de 20 trabalhos a cada ano, o que demonstra o a diversidade de fenômenos e o dinamismo da cultura impressa em nosso país.

O grupo foi fundado com uma ementa que abrange desafios que ainda se mantêm vlidos:

O Núcleo Produção Editorial constitui-se num espaço de reunião, apresentação, reflexão e troca da produção acadêmica de pesquisadores das diferentes práticas de editoração e produção editorial, entre as quais destacam-se, evidentemente, aquelas vinculadas ao livro, mas contempla também outros suportes técnicos de mensagens escritas, como revistas, jornais, HQ, boletins, folhetos, impressos em papel, em suportes digitais ou inscritos em quaisquer outros materiais. Este Núcleo, multi e transdisciplinar, visa agregar estudiosos das diversas



disciplinas que estudam a produção editorial, em suas diferentes práticas, espaços e tempos.

Destacamos três aspectos da ementa que ainda funcionam como orientação para as pesquisas no campo editorial:

- 1) Apesar da ênfase no livro como um objeto relevante para compreender a cultura impressa, o Núcleo Produção Editorial abrange estudos de textos em todos os suportes materiais da comunicação;
- 2) Uma vez que a cultura impressa se constitui a partir de um conjunto das práticas sociais, culturais e educacionais, seus estudos são, necessariamente, trans e multidisciplinar, passando da pedagogia à economia, da ciência da informação às questões técnicas da impressão e design, das políticas editoriais para nichos mercadológicos às políticas públicas para escolas e bibliotecas;
- 3) As práticas profissionais relacionadas à produção do livro são profundamente inter-relacionadas simultaneamente a transformações históricas, teóricas e sócio-técnicas.

Dossiê: “Ler amanhã: Pesquisa, textos e práticas editoriais”

Os estudos publicados no dossiê especial “Ler amanhã: Pesquisa, textos e práticas editoriais” da *Animus Revista Interamericana de Comunicação Midiática* em torno do tema da edição atestam a variedade de enfoques e tópicos com os quais os pesquisadores , destacadamente os brasileiros, tem trabalhado. Relembremos aqui a primeira parte da chamada-edital:

No âmbito das ciências humanas não foram poucas as disciplinas que desenvolveram alguma afinidade com o conjunto de práticas e gestos que se encontram entrelaçadas na edição, publicação, recepção e circulação de um texto. Criados no Brasil ao longo dos anos 1960, inicialmente foram os cursos de comunicação em Universidades públicas que assumiram o ensino de conhecimentos necessários à edição de textos. Da “editoração” à “produção editorial”, o campo da comunicação constituiu uma história de ensino e pesquisa da área, sem deixar de incorporar as complexidades de ações entrelaçadas que envolvem outros campos disciplinares, acionados através de diversos conhecimentos específicos tais como revisão, tradução, design ou conservação. Nesse sentido se avizinham positivamente outros campos de conhecimento tais como história da arte, história cultural, artes gráficas, design gráfico, estética, semiótica, fenomenologia, estudos literários e linguísticos, ciência política, educação, ciência da informação. Tratando-se de uma ciência social aplicada inserida no espaço reflexivo



da universidade e da pós-graduação, a pesquisa estimula novas experiências e critica as práticas editoriais, missão que se torna especialmente complexa diante da mídiatização digital que muitas vezes oculta os processos editoriais com plataformas automatizadas e algoritmos. Diante disso, reafirmamos a necessidade em teorizar criticamente a produção, disseminação e circulação de textos em diversas culturas, territórios e mídias.

A chamada gerou grande movimentação entre os estudiosos da área e recebemos mais de três dezenas de originais a serem analisados. Graças à excepcional qualidade do material recebido, a editora chefe da revista *Animus*, Ada Cristina Machado Silveira, e seu editor gerente Magno Cassiano Casagrande, decidiram ampliar o espaço de publicação para o desdobramento do dossiê “Ler amanhã: Pesquisa, textos e práticas editoriais” em dois volumes.

Para compor o primeiro conjunto de 8 artigos a serem publicados no presente volume gravitam suas análises e reflexões em torno de objetos do mundo editorial brasileiro, com um destaque para a grande presença de temas relacionados aos meios digitais. A rápida expansão das tecnologias digitais a partir da segunda metade do século XX teve impactos profundos no campo editorial configurando novas práticas e dinâmicas midiáticas a serem discutidas e analisadas.

Três artigos publicados abordam interfaces entre o universo do livro e os suportes digitais. São eles: “Da produção de sentidos na leitura no booktube: uma análise de *The Great Gatsby*”, de Renata Prado Alves Silva; “Feitiços e livros: Harry Potter e suas múltiplas plataformas”, de Ana Cláudia Gruszynski, Gabriela Gruszynski Sanseverino e “O status quo do livro digital e o leitor por ele constituído”, de Carina Ochi Flexor. Se o primeiro deles enfoca reações de diferentes *booktubers* frente a uma obra literária consagrada; o segundo enfoca diferentes dispositivos e materialidades que colocam em circulação a série Harry Potter e como esta diversidade de suportes redimensiona a noção de texto. Com outra perspectiva, o artigo de Carina Flexor discute relações do objeto livro com uma tipologia de leitores modelos no ambiente digital.

Novas formas de seleção, edição, distribuição e comercialização de livros impressos em papel, são analisadas por Débora Regina Bacega e Mônica Rebecca Ferrari Nunes em “Memória, ritual e consumo nas práticas editoriais do clube de livros TAG Experiências Literárias”, ao analisar como as práticas rituais do clube de assinatura, tais como a distribuição de *kits* literários, contribui para a experiência de consumo e fidelização dos

associados.

Um interessante caso de tradução e criação linguística é abordado por Luciana de Oliveira em “O livro como dispositivo de comunicação intermundos: experimento de co-criação escrita e bilíngue da oralidade Kaiowá”, que apresenta os processos de elaboração de um livro bilíngue, em Guarani e Português, produzido em colaboração com o povo Kaiowá no Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil.

Em “Diários de testemunhas: das memórias subjetivas aos produtos midiáticos” Herom Vargas e Barbara Heller abordam três livros que são narrativas testemunhais atreladas a ideia de trauma e testemunho e examinam como as escolhas visuais das capas são pensadas dentro das lógicas editoriais que transformam a subjetividade dos diários em atraentes produtos comerciais. As narrativas que tiveram suas edições brasileiras analisadas neste artigo são: *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch, *Eu sou Malala*, de Malala Yousafzai e Christina Lamb e *Diários de Berlim*, de Marie Vassiltchikov.

A heterogeneidade da produção editorial no Brasil do processo abertura política durante o governo de Ernesto Geisel (1974-1979) é examinada por Marcio de Souza Castilho no artigo “Guerra aos livros: produção editorial e censura na abertura política”. A ideia central defendida pelo autor é que, neste momento histórico, “a produção e circulação de livros, de temáticas variadas, contribuíram para a formação de um ambiente de discussão sobre a necessidade de superação do modelo autoritário, sem que os militares, com apoio de segmentos da sociedade civil, tenham perdido controle sobre o processo de abertura política”.

Finalizando este primeiro volume apresentamos a tradução *Por uma poética histórica do suporte*, de Marie-Ève Thérénty, pesquisadora que coordena o centro multidisciplinar de pesquisa Rirra21, situado na Universidade Montpellier 3, França. Além de dialogar criticamente com a tradição da história do livro propondo novos caminhos de pesquisa, trata-se de um artigo programático que, como o título indica, defende a relevância do suporte, ou seja, como restrições materiais e midiáticas que se impõem às publicações editoriais em um determinado período histórico contribuem para configurar poéticas que participam das experiências de escrita e leitura.

Há séculos, reconhecido como agente configurador de ideias e mentalidades, a grande



variedade de temas e formas de abordagem da história do livro apresentada nos artigos confirma a natureza multifacetada do objeto como parte da complexa história cultural humana. Ao pensar suas formas de existência contemporâneas, assim como eventuais vislumbres de seu futuro, afastamos o fantasma de sua morte, foi esse o espírito que animou o presente dossiê.

Referências bibliográficas:

CHARTIER, Roger e ROCHE, Daniel. “O livro: uma mudança de perspectiva”. In: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre. **História. Novos objetos**. Tradução: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 4ª ed., 1995.

DARNTON, Robert. “O que é a história do livro?” In:----- **O Beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo, Cia. das Letras, 1ª Reimpressão, 1993.

FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean. **O Aparecimento do livro**. Tradução: Fúlvia Moretto e Guacira M. Machado. São Paulo: EDUSP, 2017.

McKENZIE, Donald F. **Bibliografia e a Sociologia dos textos**. Tradução: Fernanda Verissimo. São Paulo: EDUSP, 2018.

¹ Cf: CHARTIER e ROCHE, 1995, p. 99 e 100.

² DARNTON, 1993, p.109.

³ DARNTON, 1993, p.111.

